

Janine Altounian



A escrita de Freud

Travessia traumática e tradução

Claudia Berliner

tradução do francês



Blucher

Janine Altounian



A escrita de Freud

Travessia traumática e tradução

Tradução
Claudia Berliner



A escrita de Freud: travessia traumática e tradução, Janine Altounian
Título original: *L'écriture de Freud. Traversée traumatique et traduction*
Série pequena biblioteca invulgar, coordenada por Paulo Sérgio de Souza Jr.
© 2003 Presses Universitaires de France / Humensis
© 2025 Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher
Editor Eduardo Blücher
Coordenador editorial Rafael Fulanetti
Coordenadora de produção Ana Cristina Garcia
Produção editorial Luana Negraes e Andressa Lira
Preparação de texto Bárbara Waida
Diagramação Guilherme Salvador
Revisão de texto Maurício Katayama
Capa e projeto gráfico Leandro Cunha

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico*
da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de
Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita
da editora.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Altounian, Janine
A escrita de Freud : travessia traumática e
tradução / Janine Altounian ; tradução
Claudia Berliner. – São Paulo : Blucher, 2025.

316 p. – (Série pequena biblioteca invulgar /
coord. Paulo Sérgio de Souza Jr.)

Bibliografia
ISBN 978-85-212-2469-3 (impresso)
Título original: *L'écriture de Freud. Traversée*
traumatique et traduction

1. Psicanálise. 2. Interpretação psicanalítica.
3. Psicolinguística. 4. Psicanálise e filosofia.
5. Escrita psicanalítica. 6. Freud, Sigmund, 1856-
1939. I. Título. II. Berliner, Claudia. III. Souza Jr.,
Paulo Sérgio de. IV. Série.

CDU 159.964.2

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise CDU 159.964.2

Conteúdo

<i>Prefácio</i>	15
-----------------	----

Parte I. A psicanálise foi pensada e escrita em língua alemã	25
---	-----------

O descentramento na origem da psicanálise	27
---	----

Traduzir/transmitir um pai, o pai da psicanálise	43
--	----

<i>A Traumdeutung</i> , uma língua de sonho?	131
--	-----

Parte II. Inscrição de uma travessia traumática e tradução	163
---	------------

Traduzir significantes, tradutores inaugurais de uma experiência traumática (por exemplo: Jean Améry, Freud)	165
--	-----

Traduzir o que um “distúrbio” da lembrança transmite	193
--	-----

Parte III. Corpo textual e teorização **207**

A alma e a eficácia em um tratado
de Lutero (1520) e em um artigo dos
primórdios de Freud (1890) 209

Do “Judeu” de Wagner e do estudante “judeu”
Freud ao paranoico Schreber 225

Freud, um teórico da sexualidade feminina
ou um homem endereçando-se a uma mulher,
Lou Andreas-Salomé? 259

Relação dos significantes comentados **287**

Índice de autores citados **313**

Prefácio

Este trabalho retoma, por um lado, diversos textos que escrevi sobre a língua de Freud,¹ elaborando-os de maneira mais pedagógica e articulando-os entre si sob determinada perspectiva. Trata-se, portanto, sobretudo de um estudo de sua língua, distinguindo-se claramente do que habitualmente chamam de “crítica das traduções”. Ainda que, em vários lugares, sublinhe os inconvenientes de dada opção mantida por um tradutor e proponha uma versão mais fiel à literalidade e à permanência dos significantes, não busca afirmar a supremacia desse ou daquele modelo tradutório. Contesta, antes, a pretensão própria de todo monolinguismo² que esquece que a alteridade de um pensamento — e que a alteridade do método analítico! — se manifesta em primeiro lugar na sua língua. “Evidentemente, e enquanto escritor”, escreve Antoine Berman,

1 Cf. p. 23, nota 16.

2 No sentido do “solipsismo monolíngue”, tal como definido por Jacques Derrida em: Derrida, J. (1996). *Le monolinguisme de l'autre*. Paris: Galilée, p. 44.

Freud era *colíngue* [...] Sua *verdade colíngue*, por assim dizer, só aparece em uma *pluritradução* cuja finalidade não seja de forma nenhuma a mera “comunicação” de um texto para aqueles que não conhecem sua língua, mas a atualização, a apropriação de sua essência colíngue, essencial se quisermos apreender o que ela nos *diz*.³

Ao notar as resistências, a estranha irritação que suscita em certos psicanalistas a lembrança de que Freud, judeu austríaco, elaborou seus instrumentos de trabalho e de pensamento numa língua que não é a deles, não podemos evitar acrescentar aos três grandes insultos impostos à megalomania do homem⁴ — a terra não é o centro do universo, o homem descende do reino animal e o eu não é senhor de sua casa — uma quarta: sem o socorro de uma mediação, o eu não tem nenhum acesso àqueles

3 Berman, A. (1986/1987). La psychanalyse dans l'espace de la traduction. In *Art, littérature et psychanalyse: actes des rencontres de février 1986*. Marseille: Passages de sujet, p. 79. Antoine Berman se refere aqui à obra, que chama de “fascinante”, de Renée Balibar: Balibar, R. (1985). *L'institution du français: essai sur le colinguisme des Carolingiens à la République*. Paris: PUF.

4 Cf., entre outras ocorrências: Freud, S. (1916-1917). Conferências introdutórias à psicanálise. In *OC* (São Paulo: Companhia das Letras, Vol. 13, p. 336); *OCF/P* (Paris: PUF, Vol. XIV, p. 295); *GW* (London: Imago, Vol. XI, pp. 294-295): “No decorrer dos tempos, a humanidade teve de tolerar dois grandes insultos a seu ingênuo amor-próprio, por parte da ciência. O primeiro, quando descobriu que nossa Terra não é o centro do universo [Copérnico] [...] O segundo, quando a pesquisa biológica aniquilou a suposta prerrogativa humana na criação, remetendo a descendência dos homens ao reino animal [Darwin] [...] O terceiro e mais sensível insulto, no entanto, a mania de grandeza humana deve sofrer da pesquisa psicológica atual, que busca provar ao eu que ele não é nem mesmo senhor de sua própria casa”.

que vivem, sentem e pensam em uma língua diferente da dele! Ante os debates apaixonados, para não dizer passionais, sobre os problemas da tradução de Freud que evitam amiúde a confrontação com a manifestação “textual” de seu pensamento na intertextualidade do conjunto de sua obra, este trabalho é, com efeito, uma crítica à ingenuidade de alguns leitores quanto a tudo o que está em jogo na passagem de uma língua a outra, ou seja, de uma cultura a outra, de um sistema de pensamento a outro, e, portanto, quanto ao que necessariamente perece nessa passagem.

Aliás, seus objetivos não sendo absolutamente polêmicos, e embora as aproximações ou as reservas que nele figuram sejam passíveis de ser refutadas por um ou outro especialista nos domínios envolvidos, este trabalho se presta inclusive a fornecer o material para uma eventual refutação, posto que coloca à disposição do leitor francófono um *corpus* linguístico propício a formar uma opinião, até mesmo nas antípodas daquela aqui sustentada. Na verdade, ele procura essencialmente lançar luz sobre como, na escrita de Freud, a forma dos enunciados de pensamento visualiza, propondo-o simultaneamente **aos sentidos** convocados na leitura, o argumento desenvolvido pelo pensamento que está decodificando **o sentido** inconsciente de um processo psíquico.⁵ Do mesmo modo, como na escuta de um texto poético, a percepção do leitor em processo primário

5 Vários autores mostraram esse caráter próprio ao estilo de Freud. Entre eles:

— François Roustang, que escreve: “Destaquei o quanto o estilo de Freud se adaptava [...] ao conteúdo do que ele exprimia [...] o que não deixa de ser uma banalidade para um estilo. O que é menos banal é que o estilo aqui é criador do objeto, ou seja,

antecipa amiúde sua compreensão em processo secundário. Este livro fornece, pois, inúmeros exemplos de escrita em que morfologia e sintaxe se aliam para engendrar, na complexidade da linguagem, a marca da complexidade psíquica. Difícil ver, de resto, como a frequência do fundador de um método de investigação da “alma” poderia dispensar a penetração nos arcanos de sua língua e na multirreferencialidade⁶ de suas “palavras”, já que estas estão dirigidas àqueles encarregados de estar prioritariamente à escuta das “palavras”, de seus traços e de seus ecos.

que continente e conteúdo nunca são separáveis, são até mesmo intercambiáveis”. Roustang, F. (1980). *Du style de Freud*. In *Elle ne le lâche plus*. Paris: Minuit, p. 33.

— Patrick J. Mahony, que caracteriza assim o “pensamento pensante” operando na escrita de Freud: “Encontramos [...] inúmeras passagens que concernem à própria mensagem [...] o caráter distintivo da apresentação de Freud é que o que ele diz da mensagem está no cerne da mensagem [...] Freud, na sua escrita, coloca em ato a essência da experiência psicanalítica, que é progressão constante e devir, e a torna presente, ao invés de se contentar em representá-la”. Mahony, P. (1990). *Freud, l'écrivain*. Paris: Les Belles Lettres, pp. 175, 201-202. (Col. “Confluents psychanalytiques”).

— Jaques Derrida, que, na sua leitura de *Além do princípio do prazer*, ressalta como, “até no detalhe[,] podemos ver se superpor a descrição que se seguirá ao *fort/da* (pelo lado do neto da casa) e a descrição do jogo especulativo, tão aplicado e tão repetitivo quanto o da criança, do avô escrevendo *Além...* Mas não se trata rigorosamente [...] de coincidência. A necessidade que liga as duas descrições [...] conjuga na mesma escritura [...] o relatado e o relatante desse relato”. Derrida, J. (1980/2007). *Cartão-postal: de Sócrates a Freud e além* (A. V. Lessa & S. Perelson, trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 336-337; trad. modificada.

6 Cf. Jakobson, R. (1960/1974). *Linguística e poética*. In *Linguística e comunicação* (7a ed.; pp. 118-162; I. Blikstein & J. P. Paes, trad.). São Paulo: Cultrix.

Embora eu deva as observações apresentadas neste estudo ao privilégio de ter podido manter — na condição de cotradutora e depois membro da equipe editorial das *Œuvres complètes de Freud / Psychanalyse*⁷ — uma familiaridade de mais de trinta anos com a língua freudiana, ele tampouco é uma “defesa e ilustração” do projeto com o qual colaboro,⁸ embora certamente signifique uma dívida de reconhecimento, entre outras, para com aqueles que o realizaram: minha reflexão só pode evidentemente ser elaborada no âmbito dessa escola e graças ao prazer que tenho em trabalhar com suas opções de tradução, bem como com aqueles que delas compartilham.

As páginas a seguir propõem-se, por conseguinte, a oferecer, em muitas passagens, uma base de discussão para uma oficina de tradução, em apresentações diferentes segundo o objetivo específico de cada um dos capítulos. As inúmeras referências ao texto freudiano nelas figuram, com efeito, citadas conjuntamente em versão original e em uma ou duas versões de tradução, seja no corpo do texto, seja em notas, ou mesmo na forma de dossiês (1, 2, 3...) — que o leitor pode, como preferir, desconsiderar, percorrer rapidamente ou estudar

7 As *Œuvres complètes de Freud / Psychanalyse* (diretores da publicação: André Bourguignon e Pierre Cotet; diretor científico: Jean Laplanche) ainda estão sendo editadas pela PUF; doze volumes foram publicados desde o primeiro, em 1989. ([N.T.]: Na presente data já foram publicados os 22 volumes.)

8 Aliás, os primeiros textos reelaborados neste livro foram escritos antes mesmo da apresentação teórica das *Œuvres complètes*, em *Traduzir Freud*. Minhas proposições, bem mais restritas, apenas confirmam essa teorização, sem exatamente dela decorrer. Cf. Bourguignon, A., Cotet, P., Laplanche, J. & Robert, F. (1989/1992). *Traduzir Freud* (C. Berliner, trad.). São Paulo: Martins Fontes.

minuciosamente confrontando os termos sublinhados, **escritos em negrito** ou (* *) omitidos (estão em **negrito** os termos destacados, sublinhadas as opções divergentes a comparar). Essas referências comportam ademais remissões a suas diferentes ocorrências na obra quando aquelas examinadas decorrem de várias hipóteses ao mesmo tempo, entendendo-se que cada hipótese considerada poderia, ao sabor das leituras, ser ilustrada por uma infinidade de outros exemplos. Os significantes comentados nos diferentes capítulos ou em suas notas estão reunidos numa relação (p. 287).

Este “pequeno manual de língua freudiana para uso dos simplificadores” — para designá-lo com certo humor — oferece, pois, uma dupla possibilidade de leitura: pode ou bem ser consultado, discutido em uma perspectiva de aprendizagem, ou ser objeto de uma base de reflexão sobre as questões que ele coloca no cruzamento de diversas disciplinas (linguística, tradutologia, poética do texto, psicanálise, filosofia). Responde, com efeito, como indica seu subtítulo, a uma abordagem transversal e vem acompanhado de uma interrogação sobre as respectivas relações entre tradução e transmissão,⁹ notadamente no caso em que a tradução incide sobre a inscrição primeira, na língua original,

9 Essa interrogação da segunda parte do livro toca a questão da transmissão traumática, em particular por ocasião de um extermínio histórico coletivo, tema central de duas coletâneas: Altounian, J. (1990). *“Ouvrez-moi seulement les chemins d’Arménie”: un génocide aux déserts de l’inconscient*. Paris: Les Belles Lettres. (Col. “Confluents psychanalytiques”); Altounian, J. (2000). *La survivance: traduire le trauma collectif*. Paris: Dunod. (Col. “Inconscient et culture”).

de uma experiência traumática.¹⁰ Chumbada na trama textual de sua inscrição inicial, a experiência traumática transmite-se apenas imperfeitamente na língua segunda e o comentário não pode ser de grande auxílio: o comentário, precisa Berman, “não pode ser senão o comentário do original. Não se pode jamais comentar uma tradução, porque nenhuma tradução preserva suficientemente a trama textual e linguageira do original”.¹¹

Talvez conviesse aqui lembrar, com referência à declaração pungente de Jean Améry: “Estava excluído do destino da comunidade alemã e, por isso, igualmente da língua”,¹² que,

10 Pode-se pensar que, num caso assim, o “resíduo” intraduzível na passagem de uma língua para outra redobra e amplifica esse “resíduo” da tradução psíquica teorizado por Jean Laplanche em “Trauma, tradução, transferência e outros trans(es)”: “É precisamente porque ele [o sistema pré-consciente] *faz sinal* (em todos os sentidos dessa expressão) que é preciso tentar traduzi-lo, que ele se impõe, à criança, como *a traduzir*, numa tradução originária que não pode senão deixar um resíduo importante, esse *fuero* que vai retornar ao inconsciente, como representação-coisa [...]. Assim, no lugar mesmo do traço de percepção, do *Wz*, o que é registrado antes mesmo de ser uma primeira vez traduzido, *passivamente* registrado, o que é preciso situar é uma ‘mensagem por si mesma ignorada’, um significante enigmático. O intraduzível, o recalcado que irá se depositar a cada estágio posterior, é apenas o eco, o resíduo, desse intraduzível interno à própria mensagem”. Laplanche, J. (1986/1988). *Teoria da sedução generalizada* (D. Vasconcellos, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas, p. 94; trad. modificada.

11 Berman, A. (1986/1987). La psychanalyse dans l'espace de la traduction. In *Art, littérature et psychanalyse: actes des rencontres de février 1986*. Marseille: Passages de sujet, p. 78.

12 Améry, J. (1970/1995). *Par-delà le crime et le châtimet. Essai pour surmonter l'insurmontable* (F. Wuilmart, trad.). Arles: Actes Sud, p. 99; Améry, J. (1970). *Jenseits von Schuld und Sühne: Bewältigungsversuche eines Überwältigten*. München: DTV, p. 68. Em *La survivance*, o capítulo “L'extermination des hommes invalide

tendo a língua dos judeus austríacos lhes sido confiscada,¹³ Freud criou, pensou a psicanálise em um universo simbólico de signos do qual foi expulso por aqueles que, como aliás se sabe, expulsaram suas irmãs do mundo dos vivos. A própria letra de sua obra já não podia ser transmitida no espaço trans-subjetivo,¹⁴ doravante abolido, em que fora elaborada. Assim, quando seus discípulos tiveram de se exilar do III Reich, mais ninguém podia falar sua obra, praticar seu método na língua, na cultura que os constituiu e no seio das quais foram instituídos. A partir de então, não se pode herdar seu pensamento senão enfrentando, sem ocultá-la, essa ruptura política, cultural e linguística.

Por fim, interrogando as respectivas relações entre corpo textual e teorização, que frequentemente se atenuam na tradução para delas restituir apenas a dimensão ideológica, a última parte deste livro efetua algumas confrontações: faz um paralelo entre, por um lado, o emprego de certos significantes de Freud, por exemplo, *Seele* (alma) ou *Volk* (povo) e *Wahn* (delírio), com

leur langue par implosion du lien social” propõe uma análise dessa questão capital na obra de Jean Améry. Cf. Altounian, J. (2000). *La survivance: traduire le trauma collectif*. Paris: Dunod. (Col. “Inconscient et culture”).

13 Sobre o confisco da língua e da cultura alemãs pelo nazismo, ler a obra fundamental de Victor Klemperer: Klemperer, V. (1947/2009). *LTI: a linguagem do terceiro Reich* (M. B. P. Oelsner, trad.). Rio de Janeiro: Contraponto.

14 René Kaës realiza em seu trabalho o exame dos efeitos, sobre os indivíduos, do desmoronamento dos “espaços trans-subjetivos”, abordado desde a publicação de *Violence d'État et psychanalyse*, particularmente em seu artigo “Ruptures catastrophiques et travail de la mémoire”. Cf. Kaës, R. (1989). *Violence d'État et psychanalyse*. Paris: Dunod, pp. 177-178.

seu respectivo emprego — anterior ou contemporâneo — em determinada circunstância por dois outros inovadores, Lutero e Wagner, e, por outro lado, as diferentes posturas do mesmo escritor Freud, conforme escreva como teórico da sexualidade da mulher (*Weib*) ou como homem dirigindo-se a uma mulher (*Frau*), Lou Andreas-Salomé.¹⁵

15 Os diversos textos retrabalhados neste livro são:

— Na seção I: Altounian, J. (1988). Intervenção na mesa-redonda coordenada por J.-R. Ladmiral, *Coq-Héron* (105), “Traduction et psychanalyse”; Altounian, J. (1983). Traduire Freud ? — III, Singularité d’une écriture. *Revue Française de Psychanalyse*, 47(6), pp. 1297-1327; Altounian, J. (1989). Humour et exil dans l’écriture freudienne. *Revue Française de Psychanalyse*, 53(2); Altounian, J. (1990). Intervenção incluída em: Brun, D. (24 mai. 1989/1990). “Traduire Freud” en débat. *Revue Française de Psychanalyse*, 54(1), pp. 267-284; Altounian, J. (2000). Freud, une langue de rêve. *Revue Française de Psychanalyse*, 64(4), pp. 1291-1306; Altounian, J. (1999). Intervenção no colóquio “Centenaire de *L’interprétation des rêves*”, 28-30 mai. 1999 (C. Boukobza, D. Lauru, J. Sédat & B. Toboul, org.); Altounian, J. (1993). L’un peut-il être “simple” pour l’autre? *Topique*, (52), pp. 289-302; Altounian, J. (1994). En souffrir ou en sourire? Le jeu des racines dans la pensée de Freud. In A. W. Szafran & A. Nysenholc (org.). (1994). *Freud et le rire* (pp. 153-169). Paris: Métailié.

— Na seção II: Altounian, J. (1999). Ce qui trouble le souvenir ne trouble pas la mémoire. In *Expérience et Transmission, actes du Séminaire Antigone à Grambois* (J. Félician, org.); Altounian, J. (2000). Traduire une “écriture de soi” dont les signifiants ont inscrit, dans l’original, une expérience traumatique. In J.-F. Chiantaretto et al. (org.). (2005). *Autobiographie, journal intime et psychanalyse* (pp. 35-49). Paris: Economica.

— Na seção III: Altounian, J. (1992). La référence de l’efficace dans la langue de Luther et Freud. *Psychanalystes*, (44), pp. 81-87; Altounian, J. (1995). De Wagner à Schreber: ambiguïté sémantique et pulsionnelle d’un texte antisémite. In *Freud: judéité, Lumières et romantisme* (pp. 243-261). Lausanne: Delachaux&Niestlé; Altounian, J. (1997). Haine antisémite et sublimation épique dans la langue de Wagner. *Les Temps modernes*, 52(591), pp. 92-113; Altounian, J. (1999). La sincérité dans l’adresse à la femme: La correspondance Freud/Lou Andreas-Salomé. In J.-F. Chiantaretto (org.). (1999). *Écriture de soi et sincérité* (pp. 113-127). Paris: In Press.

O descentramento na origem da psicanálise

Nasci em 6 de maio de 1856, em Freiberg (na Morávia), pequenina cidade da atual Tchecoslováquia. Meus pais eram judeus, e eu também permaneci judeu. Tenho motivos para crer que meus antepassados paternos viveram por longo período na região do Reno (em Colônia), fugiram para o Leste devido a uma perseguição aos judeus, no século XIV ou XV, e no decorrer do século XIX retornaram da Lituânia para a Áustria alemã, através da Galícia. Quando era uma criança de quatro anos de idade, vim para Viena [...].¹

1 Freud, S. (1925). Autobiografia. In *OC* (16, p. 77); *OCF/P* (XVII, p. 56); *GW* (XIV, p. 33).

Essas oito linhas iniciais da autobiografia de Freud concentram em si mesmas, para seus ascendentes, cinco locais de residência, dez topônimos, uma perseguição racial e/ou religiosa, duas migrações e rupturas, ou seja, para ele, três experiências linguísticas na infância e uma pertença identitária que, de saída, questiona todas as evidências habitualmente atribuídas à origem.

Lemos, sob a pena de Freud, que o desenvolvimento da função libidinal é comparável a um povo que “abandona seu território* em busca de uma nova morada [...], pequenos agrupamentos ou associações de migrantes* detido[s] ao longo do caminho [...] enquanto a grande massa restante seguia em frente”; a um “povo em movimento* [que] deixa grandes divisões pelo caminho, ao longo das estações de sua migração*”, sendo que para “aqueles que avançaram mais longe* [...] o perigo da derrota será tanto maior quanto maior o número daqueles deixados para trás* no curso da migração*”. Aprendemos como “a libido migra* e percorre o caminho inverso* [...] até seus próprios locais de fixação”,² que o sintoma é um “corpo estranho” que goza da “prerrogativa de extraterritorialidade”,³ o “recalcamento” uma “recusa de tradução”⁴... Todas essas

2 Freud, S. (1916-1917). Conferências introdutórias à psicanálise. In OC (13, pp. 451, 453, 496; trad. modificada); OCF/P (XVII, pp. 351, 353, 387); GW (XI, pp. 351, 353, 388). (Apresentamos, na ordem em que aparecem na citação, os termos de Freud correspondentes aos da tradução seguidos de um *: *seinen Wohnsitz verläßt / Verbände der Wanderer / ein Volk in Bewegung / zurückgelassen / Wanderung / die weiter Vorgerückten / Wanderung / wandert zurück*).

3 Cf. Freud, S. (1926). Inibição, sintoma e angústia. In OC (17, p. 28); OCF/P (XVII, p. 215); GW (XIV, p. 125) (*Fremdkörper / Vorrecht der Exterritorialität*).

4 Cf. Freud, S. (6 dez. 1896/1986). Carta a W. Fliess. In *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Imago, p. 209;

metáforas sobre as “migrações” e seus “migrantes” parecem manter, no “inconsciente” do pesquisador, uma “inquietante familiaridade” com “transferências”, “deslocamentos”, “desvios”, “voltas”, “traços”, “clivagens”, “repressões”, “perseguições”, “recalcamentos” e outras “transposições”⁵ sublimadas no seu aparato conceitual e na própria dinâmica de seu método de investigação, a análise. Com efeito, acaso o enquadre dela não institui, como o jogo com o carretel em que a criança brinca de dominar a ausência da mãe, o teatro de um “deslocamento” fictício, a encenação em sentido contrário de um exílio do mundo, a fim de que se efetue, para o paciente, a apropriação *a posteriori* de um espaço psíquico do qual se viu exilado, expatriado, até mesmo de um refúgio que nunca existiu, por vezes nem para abrigar seu engendramento, nem para inumar seus mortos?

Todo exilado bem sabe que, se lhe foi custoso ter de abandonar suas primeiras referências de vida, o que se segue para ele mais tarde é um sofrimento bem outro, igualmente cruel, o de ter de construir, de habitar seu segundo lugar de investimento não em ruptura nem em nostalgia do precedente, mas em homenagem ativa ao que, dele, se transmite por deslocamento num

trad. modificada. (*Verdrängung / Versagung der Übersetzung*). Cf. o comentário dessa carta em: Laplanche, J. (1986/1992). *Traumatisme, traduction, transfert et autres trans(es)*. In *La révolution copernicienne inachevée*. Paris: Aubier, pp. 255-ss.

5 Limitamo-nos a mencionar, na ordem de sua enumeração e no singular, esses conceitos freudianos que, evidentemente, poderiam ser objeto de um comentário linguístico quanto a sua respectiva relação com a dinâmica do descentramento, evidenciada, em alguns, na partícula (cf. a seguir, p. 62), em outros, no radical: *das Unheimliche, die Übertragung, die Entstellung, die Ableitung, der Umweg, die Spur, die Spaltung, die Unterdrückung, die Verfolgung, die Verdrängung, die Umsetzung*.

alhures reanimado, subvertido por sua memória. O doloroso trabalho do luto não consiste, evidentemente, em renunciar a seus referentes originais, e sim em se despojar de sua modalidade inicial de encarnação conferindo-lhes vida para além mesmo de seu declínio.

Um retorno por desvios a fim de re-encontrar

Assim, este primeiro capítulo tentará articular o procedimento da tradução com seu objeto (aqui, a língua de Freud), recorrendo a essa metáfora do exílio que, enquanto deportação — entre outras, cultural — para outro universo simbólico, constitui efetivamente um dos modelos geradores da investigação freudiana. Para tanto, iremos nos apoiar em um elemento da biografia de Freud, qual seja, as determinações de sua vocação, como as expõe em duas passagens citadas por Marthe Robert: a carta a Fliess de 2 de abril de 1896 e o posfácio de 1926 a “A questão da análise leiga”.⁶ Ali Freud explica como foi um desvio de percurso, a necessidade de contornar um impedimento, que presidiu seu destino e, portanto, o nascimento da psicanálise. Apresentaremos primeiro, para expor a ideia geral que disso se depreende, a tradução proposta por Marthe Robert; em seguida (p. 36), voltaremos aos termos do texto original a fim de ilustrar como a escolha de um significante ou de outro, transmitida pelo tradutor, tem diferentes implicações de leitura em francês:

6 Robert, M. (1964). *La révolution psychanalytique* (Vol. 1). Paris: Payot, pp. 56-57.

- “Quando eu era jovem, não tive nenhum outro desejo profundo senão o do conhecimento filosófico, e estou agora a ponto de realizá-lo, **passando da medicina para a psicologia**. Tornei-me terapeuta a despeito de mim mesmo [...]”⁷
- “Nunca fui médico no sentido próprio da palavra; se me tornei doutor em medicina foi porque **eu me vi obrigado a abandonar meus projetos originais**; meu grande triunfo é o de ter conseguido, depois de longas **voltas, encontrar** uma **via** que me fez retornar à minha primeira vocação.”⁸ (As passagens em negrito são aquelas cuja tradução será comentada mais adiante.)

A experiência do exílio predispõe ao descentramento

Ora, a língua de Freud, precisamente essa que cabe transferir de uma língua para outra, mantém estreitas relações com a

7 Marthe Robert cita aqui a tradução de A. Berman: “Quand j’étais jeune, je n’ai jamais connu d’autre désir profond que celui de la connaissance philosophique, et je suis maintenant sur le point de le réaliser, **en passant de la médecine à la psychologie**. Je suis devenu thérapeute contre mon gré [...]”. Freud, S. (1975/1996). *La naissance de la psychanalyse* (A. Berman, trad.). Paris: PUF.

8 Aqui, foi provavelmente Marthe Robert quem traduziu, pois a edição de Marie Bonaparte não continha o posfácio: “Je n’ai jamais été médecin au sens propre du mot; si je suis devenu docteur en médecine, c’est parce que **je me suis vu contraint d’abandonner mes projets originels**; mon grand triomphe est d’avoir réussi, après de longs **détours**, à **trouver** une **voie** qui me ramène à ma première vocation”. Freud, S. (1925/1928). *Psychanalyse et médecine*. In *Ma vie et la psychanalyse* (M. Bonaparte, trad.). Paris: Gallimard.

modalidade estrutural de seu modo de pensamento e de seu processo de criação, que, segundo a designação eloquente de Didier Anzieu, são determinados por um “encaixe” das culturas:

A cultura de pertença de Freud é incontestavelmente germânica (inúmeros trabalhos mostraram que ela também é judaica). Sua cultura de referência é greco-latina [...]. Espero ter mostrado que o encaixe de uma cultura de referência numa cultura de pertença foi uma das condições da descoberta da psicanálise [...].⁹

O corolário desse encaixe é a necessidade de voltar a um ponto inicial, um espaço do qual se foi previamente obrigado a se exilar. É evocando a paixão pela escrita em Freud que Marthe Robert afirma: “a ciência psicanalítica tem de paradoxal também o fato de que deveria sua existência a uma vocação misteriosamente desviada”.¹⁰

Em seu prefácio¹¹ a “A questão da análise leiga”, cujo posfácio escrito por Freud forneceu nossa segunda citação, Pontalis define, com efeito, a liberdade da psicanálise como “a de

9 Cf. Anzieu, D. (1987). Influence comparée de la langue et de la culture française et germanique sur l'auto-analyse de Freud. *Psychanalyse à l'Université*, 12(48), p. 539.

10 Robert, M. (1964). *La révolution psychanalytique* (Vol. 1). Paris: Payot, p. 51: “Freud tinha paixão por escrever, seus textos denotam um amor pelas palavras, uma necessidade de descrever e de dar vida a personagens que, ele mesmo constatou certa vez, o aproximam mais do romancista do que do médico. Terá tido ambições literárias que jamais revelou a alguém e que talvez nem mesmo ousasse confessar a si mesmo?”.

11 Pontalis, J.-B. (1985). Avant-propos. In S. Freud. (1926/1985). *La question de l'analyse profane* (J. Altounian et al., trad.). Paris: Gallimard, pp. 14, 15, 21.

emigrar não só de um país a outro, mas de uma ciência ou de uma língua a outra [...] A psicanálise ou a emigração”, e ele conclui: “Ninguém se implica na psicanálise, como ele mesmo vindo da neurologia o fez, se não tiver, primeiro, renunciado a outro objeto, a outra linguagem, a outro amor [...] apaixonadamente investidos”. Em suma, Freud não poderia ter vivido, não poderia ter expressado seu gosto pela filosofia e pelas letras senão transplantado para o terreno da medicina e, inversamente, só pôde estabelecer uma visada terapêutica abrindo caminho no solo das palavras. O que o leva de volta ao objeto seria um descentramento, um descentramento estratégico que tem precisamente o centro como objeto.

As relações de imbricação na língua de Freud

Toda a língua de Freud conta essa história das relações de imbricação que mantém com o concreto e o abstrato, com a textualidade dos afetos e a retórica de sua conceitualização, com a linguagem do corpo e a elaboração *daquilo* que pensa seus enigmas, com os significantes da sensibilidade e os da transmissão. E é nesse lugar em que se ligam os diferentes registros freudianos que se abre um debate apaixonado de opiniões: para alguns, Freud teria escrito com o alemão simples de todos os dias ou então teria forjado seu pensamento na língua dos grandes escritores da literatura.¹² Assim, passar do relato do sonho de

12 Cf. Cotet, P. (1989). La nouvelle traduction des œuvres complètes de Freud aux PUF. In *Cinquantièmes Assises de la traduction littéraire. Traduire Freud* (Arles, 1998). Arles: Actes Sud, p. 81. Ver também: Cotet, P. (1989). O estilo e sua tradução. In A.

angústia do “Homem dos Lobos” para sua análise constituiria uma transcrição linguística, podendo ser feita em francês bem como em alemão numa confortável continuidade.

Na verdade, Freud trabalha sua língua aproximando incansavelmente campos semânticos heterogêneos, como só consegue fazer quem integra em si horizontes estrangeiros uns aos outros, ali onde um germanófono pode, confiando na palavra de um Mestre emitida em sua própria língua, se deixar levar pelo sentimento de uma aparente harmonia de expressão. O mesmo não acontece quando o tradutor precisa decidir nas avizinhações subversivas da língua de Freud. Assim, traduzir *Seelenapparat*, *Seeleninstrument*, *Kotsäule*, *weibliches Geschlechtsglied* por “aparelho psíquico, instrumento psíquico, bolo fecal, órgão sexual feminino” apaga a audácia das justaposições do médico com o literário que pontuam a leitura de uma narração muitas vezes poética. Em contrapartida, “aparelho de alma”, “instrumento de alma”, “coluna de excremento”, “membro sexuado feminino” a revelam. No texto de Freud há um membro sexuado feminino assim como um membro sexuado masculino; a “coluna” de excremento, diferentemente do “bolo” fecal, permite que ela seja comparada ao pênis. É preciso abordar o estudo da alma como se fosse o de um aparelho, de um instrumento... Impossível escapar das metáforas do texto.

Foi justamente nisso que se viu o desconforto, a contrariedade, até mesmo a rejeição violenta do leitor francês, ou então o despertar de sua curiosidade, diante de um texto outro,

Bourguignon, P. Cotet, J. Laplanche & F. Robert (1989). *Traduzir Freud* (pp. 29-58; C. Berliner, trad.). São Paulo: Martins Fontes.

à “prova do estrangeiro”,¹³ conforme mantenha uma relação relativamente tolerante ou, ao contrário, angustiada com suas próprias experiências de ruptura; conforme possa ou não se identificar com as junções inabituais da abordagem heurística freudiana. Pois quem lê *Seelenapparat* evita, no seio desse continente — a língua alemã —, a sensação do discordante: em suma, ali não haveria, para o leitor alemão, uma grande distância entre uma experiência primeira, originária, e o pensamento que a nomeia, entre uma fala que passa pelo corpo e sua tradução em uma língua que o designa. Em contrapartida, aquele que lê “aparelho de alma” — que não é nem uma palavra nem uma realidade confortável — é impactado pelo modo de pensamento e, portanto, de nomeação em Freud. Em toda tradução, há sempre alguma forma de violência. Ao tomar outro partido, é ao rigor freudiano que se faz violência. Um texto preciso, embora às vezes desconcertante, permitirá medir melhor a originalidade desse pensamento e dissipar, assim, uma ilusão de familiaridade.

A língua é uma “forma” e a operação de tradução incide precisamente sobre a forma. Antoine Berman escreve: “A tradução é, portanto, a transmissão ativa de uma forma, sendo a própria forma o princípio atuante de um ser [...] O ato de tradução é uma transferência de forma, não de conteúdos”.¹⁴ É neste ponto preciso, no fato de que uma tradução é antes de

13 Título da obra de Antoine Berman: Berman, A. (1984/2002). *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica — Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin* (M. E. P. Chanut, trad.). Bauru: EDUSC.

14 Berman, A. (1988). Tradition-translation-traduction. *Poésie*, (47), p. 94.

tudo tradução de um continente, que se situam os problemas das diferentes escolhas de tradução.

Os afixos figuram a estratégia do descentramento

hinüberlenken
Ablenkung
Umweg
wiederfinden

Para não nos perdermos na superabundância dos exemplos que poderiam servir concretamente à nossa demonstração, retornemos às duas passagens citadas a respeito do percurso de Freud destacando apenas três de seus elementos lexicais: *hinüberlenken*/*Ablenkung*, *Umweg*, *wiederfinden*, a fim de mostrar como a língua epistolar das confidências a Fliess e a das informações autobiográficas, que revelam aos leitores o sentido íntimo de sua vida e de sua pesquisa, é evidentemente a mesma em Freud que aquela em que se gera seu pensamento, o pensamento da psicanálise. Tentar restituir a continuidade entre a “forma” que contém a experiência vivida e aquela que dá lugar à conceitualização psicanalítica é uma das tarefas de tradução mais gratificantes, embora ingrata pela suposta deslegância que às vezes acarreta.

Ainda que se expresse a uns trinta anos de distância, Freud emprega o mesmo radical verbal *lenken* (guiar, orientar-se) para descrever a dinâmica de sua trajetória,

— seja na carta de 1896, por meio do verbo *von... zu...*
hinüberlenken (fazer um desvio que vai mais além

de... a...): “*indem ich **von** der Medizin **zur** Psychologie **hinüberlenke***” (fazendo um desvio que vai, mais além da medicina, à psicologia);

- seja no posfácio de 1926, por meio do substantivo correspondente, *Ablenkung* (desvio): “eine mir **aufgedrängte** *Ablenkung* meiner ursprünglicher Absicht [...] nach großem **Umweg** [...] **wieder gefunden**” (um desvio de meu propósito original, que me foi imposto [...] reencontrado após uma grande volta).

Note-se que *aufgedrängt* (imposto) procede da mesma premência (*Drang*) que *verdrängt* (recalcado), mas também que “desvio” e “volta” (*Umweg*) constituem as noções importantes que ilustram, em *Além do princípio do prazer* (1920), as respectivas relações entre pulsão de vida e pulsão de morte, o caminho (*Weg*) da vida nada mais sendo que um caminho desviado (*Umweg*) ganho antes da morte. Por outro lado, se, segundo o enunciado dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1904), encontrar (*finden*) o objeto é “reencontrá-lo” (*wiederfinden*), nas duas passagens citadas, é efetivamente após uma volta que Freud reencontra o que se tornará para ele destino:

*Ich bin Arzt geworden durch eine mir aufgedrängte Ablenkung meiner ursprünglicher Absicht und mein Lebenstriumph liegt darin, daß ich nach großem **Umweg** die anfängliche Richtung **wieder gefunden** habe.*

[Eu me tornei médico por ter sido obrigado a me desviar de minha intenção original, e meu triunfo consistiu em reencontrar, após um longo rodeio, a direção inicial.]¹⁵

15 Freud, S. (1926). A questão da análise leiga. In OC (17, p. 222); OCF/P (XVIII, p. 81); GW (XIV, p. 290).

Voltando para as traduções de que partimos (cf. p. 31),

- “[...] estou agora a ponto de realizá-lo, **passando da** medicina **para** a psicologia [...]”
- “[...] se me tornei doutor em medicina foi porque **eu** me vi **obrigado a abandonar** meus projetos originais; meu grande triunfo foi ter conseguido, depois de longas voltas, **encontrar** uma via que **me fez retornar** à minha primeira vocação [...]”

perceberemos que o leitor registra ali “voltas”; no entanto, “desvio” e “reencontrar” estão ocultados.¹⁶ O leitor é seduzido

16 A respeito disso, uma comparação termo a termo fará aparecerem mais claramente, nas duas passagens que Marthe Robert cita, os deslizamentos de sentido, as noções acrescentadas e aquelas suprimidas:

1) declaração de 1896:

M.R.: passando da m. para a p. (movimento contínuo)

OCF/P: fazendo um desvio que vai, mais além da m., à p. (movimento descontínuo)

2) declaração de 1926:

M.R.: se me tornei doutor em medicina foi porque eu me vi obrigado a abandonar (precisamente, ele não abandonou o projeto, mas teve de operar um desvio)

OCF/P: tornei-me médico devido a um desvio [...] que me foi imposto (o desvio lhe foi imposto, sem que a instância “eu” intervesse)

M.R.: meus projetos originais (formulação banalizante)

OCF/P: meu propósito original (formulação mais grave)

M.R.: meu grande triunfo (por que omitir “vida”, já que é nela mesmo que se inscreve o tempo dos reencontros?)

OCF/P: o triunfo de minha vida

M.R.: ter conseguido encontrar (não é uma questão de conseguir)

OCF/P: ter reencontrado (temporalidade de um retorno)

por um texto de conotação moralizadora, ao passo que o de Freud coloca em evidência uma dinâmica guiada pelo inconsciente utilizando os mesmos tropos de suas elaborações teóricas: a dinâmica das condições de criação da abordagem analítica, mas também aquela do tratamento instituído por ela, a dinâmica de uma gênese e de sua transmissão.

Preservar ao máximo uma continuidade lexical e estilística na tradução dessa forma, objeto total a transmitir, é em certa medida dar a ler a originalidade, as referências heterodoxas da investigação migratória de Freud. Se operamos, conforme o contexto — autobiográfico, clínico, literário, metapsicológico —, adaptações a esses respectivos objetos parciais, apagamos os traços de uma dialética global revolucionária; atenuamos as colorações impactantes de uma urdidura textual prolífica, promissora; neutralizamos os efeitos de alteridade constitutiva que, nesse judeu austríaco, nesse escritor médico, nesse filósofo que balbuciou em ídiche, engendram sua vida, seu estilo, seu pensamento. A preocupação com o conforto mutila, ao passo que toda criação é precisamente irrupção de um sentido inédito.

A anasemia em operação na tradução

Tentar salvaguardar a coerência do léxico e da sintaxe do texto freudiano é reconhecer nele um inconsciente de onde emana o

M.R.: depois de longas voltas (o plural sugere algo anedótico)

OCF/P: após uma grande volta (Freud pôs um singular que sugere toda uma trajetória)

M.R.: uma via que me fez retornar à minha primeira vocação (não houve vocação “consciente”, mas uma orientação de seus investimentos)

OCF/P: a orientação inicial

texto fundador, seu texto a transmitir numa forma, num continente estranho ao matricial. Assim, em uma tradução estariam em presença não dois termos, mas três: “É preciso haver um terceiro termo para que a tradução saia de sua subjetividade [...] Terceiro termo para trás?”, se pergunta Jean Laplanche.¹⁷ Traduzir também seria, portanto, dar acesso ao recalcado de um texto, operação que ele intitula: “Traduzido de inscrições desconhecidas”.¹⁸ Eis por que traduzir um pensamento cujo próprio objeto é o inconsciente oferece dificuldades específicas em que se inflamam tantas paixões. Pois trata-se também de iluminar um pouco o solo inconsciente de uma teorização do inconsciente.

Traduzir um pensamento e suas fontes de uma língua para outra é, de certa maneira, transferi-lo de um corpo para outro, mas é também, mediante esse trabalho sobre os significantes de origem, destacar o corpo inicial, aquele “reencontrado” pela “ressurgência de sentido”, por anassemia.¹⁹ Assim como no

17 Laplanche, J. (1988/1992). Le mur et l'arcade. In *La révolution copernicienne inachevée*. Paris: Aubier, p. 298. Nesse artigo, o autor se refere ao texto de Walter Benjamin, “A tarefa do tradutor”, expressando, sobre esse ponto, sua discordância com o “messianismo” de Benjamin, que, por sua vez, propunha um “terceiro termo para a frente”. Benjamin, W. (1923/2008). A tarefa-renúncia do tradutor. In *A tarefa do tradutor: quatro traduções para o português* (L. Castello Branco, org.; S. Kampff Lages, trad.). Belo Horizonte: FALE/UFGM, p. 72.

18 Laplanche, J. (1988/1992). Le mur et l'arcade. In *La révolution copernicienne inachevée*. Paris: Aubier, pp. 287, 299.

19 Cf. “A casca e o núcleo”, de Nicolas Abraham — In N. Abraham & M. Torok (1987/1995). *A casca e o núcleo* (M. J. Coracini, trad.). São Paulo: Escuta, p. 198 —, texto ao qual Jean Laplanche remete em “Clinique de la traduction freudienne”, esclarecendo: “Certamente, o mero fato de traduzir o mais perto possível do significant

exílio se trata sobretudo de não esquecer os primeiros objetos que foi preciso abandonar para reinvesti-los numa nova terra, é esse sofrimento do necessário reinvestimento — para que se reafirme fidelidade aos antigos valores —, é esse paradoxo doloroso, o único capaz de transcender o desenraizamento, que os tradutores e os leitores de Freud têm de enfrentar.

‘anassemiza’ [...] é o benefício intrínseco da tradução, tanto para o tradutor quanto para o leitor francês que encontra [...] um texto mais anguloso, menos batido que o leitor alemão. Mas não nos enganemos, a ‘catassemia’ [...] logo se põe em operação no texto segundo”. Laplanche, J. (1992). *La révolution copernicienne inachevée*. Paris: Aubier, p. 246.

“Se as palavras do analista retomam, resignificando-os, os afetos do analisando, que pode, assim, pela narração de sua vida, subverter sua língua de partida para dela se reapropriar, é porque a sensibilidade de Freud à circulação das palavras no pré-consciente do paciente — a suas concordâncias, suas repetições, suas cadeias associativas, suas pontes verbais — revela, no estabelecimento da escuta analítica, bem como em sua escrita, uma mesma prática significativa. É ela que a tradução deveria poder testemunhar minimamente.”

Janine Altounian



www.blucher.com.br

**pequena
biblioteca
invulgar**

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

A escrita de Freud

Travessia traumática e tradução

Janine Altounian

ISBN: 9788521224693

Páginas: 320

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
